

APROFUNDAMENTO DO CONTEXTO TECNOLÓGICO-INFORMACIONAL COMO COMPONENTE FUNDAMENTAL DE UMA NOVA VIGILÂNCIA

Pedro Henrique de Oliveira Salvo¹

RESUMO

Num período em que a informação se transforma em combustível para diversos acontecimentos sociais, o desenvolvimento da Internet e o aprofundamento da interdependência humana para com as tecnologias que a perpassam possuem consequências múltiplas, entre elas a redefinição da vigilância. A vigilância, outrora impositiva e limitada a lugares físicos específicos, ganha contorno afável, se aproximando da onisciência e onipresença ao estar imbuída nos dispositivos tecnológicos que acompanham o indivíduo no seu dia a dia. O objetivo deste artigo é analisar como se dá a redefinição da vigilância no atual contexto de intensificação das tecnologias de informação e as possibilidades trazidas por essa transformação a partir de pesquisas bibliográficas primárias e secundárias que se relacionam com o tema debatido.

Palavras-Chave: Ascensão da Internet. Dados. Vigilância. Tecnologia da informação. World Wide Web.

ABSTRACT

In a period when information becomes fuel for different social events, the development of the Internet and the deepening of human interdependence with the technologies that permeate it have multiple consequences, including the redefinition of surveillance. Surveillance, once imposing and limited to specific physical places, gains an affable contour, approaching omniscience and omnipresence by being imbued in the technological devices that accompany the individual in his daily life. The objective of this article is to analyze how surveillance is redefined in the current context of intensification of information technologies and the possibilities brought by this transformation from primary and secondary bibliographic research related to the debated topic.

Keywords: Rise of the Internet. Data. Surveillance. Information Technology. World Wide Web.

INTRODUÇÃO

O surgimento da *Internet* e sua ascensão ao longo das últimas décadas foram responsáveis por redesenhar as relações sociais, impactando na forma como se dão e no meio em que estas ocorrem. A massificação do acesso à *Internet* vem acompanhada de dispositivos diversos que nos conectam a ela, prometendo maximizar a maneira como aprendemos, trabalhamos e consumimos ao transformar a forma como nos relacionamos com a informação. Uma das marcas mais importantes dessa transformação é que ao alterar a forma como nos relacionamos com a informação, foi alterado também a forma como o conhecimento é

¹ Graduado em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). E-mail: pedrobrolife@hotmail.com

produzido, tendo como combustível o processo de transferência das relações sociais para o meio virtual a nível global, tornando-as visíveis a diversos atores.

O estado de permanente conexão à *Internet*, em conjunto com o acesso contínuo e em massa a tudo o que a *Web* pode nos proporcionar, é uma realidade nos tempos atuais. Este não era o cenário de 30 anos atrás, enquanto os nascidos nos anos 2000 já foram socializados tendo a conectividade e a interatividade do meio digital como algo dado e que se aprofunda cada vez mais, nos perpassando de diversas formas. Desde ações simples, como comprar um produto qualquer, até questões complexas, como aquisição de visto para visitar um país estrangeiro, são feitas através da *Internet*. Para entender como chegamos ao ponto em que grande parte das nossas ações são realizadas a partir dessa dinâmica, precisaremos entender como se deu o desenvolvimento das tecnologias que permitiram a transferência das mais diversas atividades e relações sociais para o meio digital.

Para facilitar a compreensão das tecnologias que perpassam a discussão proposta é importante explicitar desde já que a *Internet* e a *Web* (*World Wide Web*), ferramentas que constituem o atual estado das coisas, não são sinônimos. A *Internet* é a rede das redes onde reside toda a informação, com pessoas de todo o mundo se conectando a ela a partir de diversos dispositivos, enquanto a *Web* é o caminho que permite acesso ao conteúdo que reside na *Internet*, é a parte palpável deste universo (ARIÑO, 2018, p. 1). Embora as duas coisas sejam indissociáveis na atualidade, elas foram criadas em momentos distintos e evoluíram para a forma que conhecemos atualmente.

Nos anos 1960, período da Guerra Fria, os cientistas do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) idealizaram um conceito de rede com operação descentralizada, onde computadores autônomos conectados se comunicariam entre si. Esse sistema foi desenhado e criado para o Departamento de Defesa do Estados Unidos, tendo como grande vantagem o fato de que eventuais interrupções ou ataques a determinados computadores não afetariam toda a rede, justamente pela característica descentralizada do sistema. Em 1970, existiam apenas 4 pontos de conexão à rede que foi batizada de ARPANET, todos localizados nos EUA, enquanto em 1973 o número de pontos aproximou-se de 40, espalhados também pelo Reino Unido e Noruega. Apenas nos anos 1990 a rede se consolidou, com a ARPANET passando a integrar a rede *Internet*, embora ainda fosse de acesso restrito às agências governamentais e à comunidade acadêmica (LINS, 2013, p. 15).

A popularização da *Internet* só foi possível após o desenvolvimento da *World Wide Web* e do *browser*. Em 1992, o Web Browser Mosaic, similar ao que temos hoje com o Google e o Explorer, tornou possível a navegação na *Internet*, possibilitando a abertura da rede das redes ao público. Neste mesmo ano, o Congresso americano liberou o uso comercial da *Internet*, que passaria a dobrar o número de usuários a cada 18 meses, o volume de dados a cada 2 anos e o tamanho físico a cada 5 anos² (LINS, 2013, p. 25). Entretanto, a *Web* dos anos 90, conhecida também como *Web 1.0*, não se parecia em nada com a *Web* a que temos acesso hoje (ARIÑO, 2018, p. 2).

Compreender o desenvolvimento da *Internet*, sua gradual popularização e os impactos em grande escala gerados por esta é de fundamental importância para alcançarmos o objetivo deste artigo, que busca analisar o papel do desenvolvimento da *Internet* na redefinição das práticas de vigilância. Para isso, iniciaremos revisitando o contexto de desenvolvimento da *Web*, parte palpável do que a *Internet* pode nos proporcionar, perpassando pelas diversas fases que a conduziram para a forma que conhecemos atualmente, e em seguida buscaremos analisar as possibilidades de ampliação da vigilância, que também se torna digital, e suas consequências.

O DESENVOLVIMENTO DA WORLD WIDE WEB E A INTERDEPENDÊNCIA ENTRE INDIVÍDUOS E OBJETOS INFORMACIONAIS

Na *Web 1.0*, o usuário era um sujeito passivo que recebia a informação através de navegadores e sites de buscas, quase não existindo espaço para interatividade. A concepção de uma *Web* interativa em que os usuários conseguem injetar conteúdo na rede é a principal marca da *Web 2.0*, que surge por volta de 2004 e traz consigo um imenso leque de possibilidades de manejo. As redes sociais, os *blogs*, os *chats*, os fóruns, os álbuns de fotografia e diversas outras formas de interação e integração social são características dessa *Web* (ARIÑO, 2018, p. 3).

É interessante nos aprofundarmos na interatividade proposta pela *Web 2.0* e em quais implicações isso gera aos seus usuários. A realidade social se assenta nas relações humanas interativas, permitindo que o indivíduo se transforme em um agente na construção dos significados que explicam tal realidade, marcada também pelo intercâmbio de conceitos, informações e conhecimentos, possibilitando aos envolvidos a modificação de sua cosmovisão.

² Lei de Moore.

A informática trouxe uma expansão da interatividade, possibilitando que ela ocorra entre indivíduo-indivíduo, como tradicionalmente conhecemos, mas, também, através de relações indivíduo-máquina e máquina-máquina (ALMEIDA, 2003, p. 2). Portanto, a presença do indivíduo deixa de ser fundamental para que uma relação seja interativa, mas focaremos nas relações em que ele está presente em pelo menos um dos lados.

A relação indivíduo-indivíduo no âmbito virtual é marcada por uma variedade de trocas simbólicas, como as que acontecem no ambiente físico, a novidade é que na primeira ela será intermediada por uma máquina³ (ALMEIDA, 2003, p. 2). Para além do acréscimo obrigatório do mediador, as interações no meio virtual são potencializadas no sentido de permitir a conexão entre pessoas de diversas partes do mundo e que não necessariamente se conhecem para além deste meio. Outra inovação é a relação entre indivíduo-máquina, que pode ser considerada interativa, como ressalta Weisert (1994, p. 24, apud ALMEIDA, 2003, p. 7): “O simples *click* com o *mouse* para seleção de um comando numa interface gráfica mais intuitiva é um ato interativo. No momento em que o programa reage ao estímulo e responde ao usuário, ele está sendo interativo”.

Marino Ariño (2018) nos dá uma síntese satisfatória sobre o que a emergência da *Web 2.0* representa: “Com a chegada da *Web 2.0*⁴, produziu-se um fenômeno social que mudou para sempre a forma como nos relacionamos com a informação e com a comunicação, principalmente porque nos fez parte delas”⁵ (ARIÑO, 2018, p. 3, tradução nossa). Ser parte desta experiência trouxe às pessoas um sentimento de liberdade, de que tudo seria alcançável a partir do digital, um mundo em que não haveria distância ou fronteiras. O primeiro slogan da Microsoft sintetiza este sentimento, “Onde você quer ir hoje?” (HAN, 2018, p. 7).

Dentro deste universo, as redes sociais conquistaram tamanha importância a ponto de serem consideradas um fenômeno dentro de outro. O objetivo das redes sociais é circunscrever o local onde ocorrerá a interação indivíduo-indivíduo no ciberespaço, abrigando comunidades de amigos e contatos, tendo o Facebook como um dos maiores casos de sucesso a nível mundial, alcançando 1 bilhão de usuários ainda em 2012 (LINS, 2013, p. 33) e se aproximando da marca

³ A concretização da interação no meio virtual depende de tecnologias de transmissão e recebimento de dados, isto é, o indivíduo precisará ter um dispositivo conectado à *Internet* para realizá-la, sendo então uma ‘relação intermediada’.

⁴ A diferença entre *Web 1.0* e *Web 2.0* está mais relacionada aos avanços nos objetivos e formas com as quais o usuário experimenta o ciberespaço do que no nível do hardware, embora avanços na estrutura física da rede também tenham acontecido.

⁵ No original: Con la llegada de la web 2.0, se produjo un fenómeno social que cambió para siempre nuestra relación con la información y la comunicación, principalmente porque nos hizo parte de ella.

de 3 bilhões de usuários em 2021⁶. Desde então, diversas outras redes ganharam aderência dos usuários neste mesmo nível, cada uma trazendo consigo uma particularidade que justificasse ao indivíduo se inscrever e interagir em várias delas de forma simultânea.

Um acontecimento importante na potencialização do uso das redes sociais e da *Web* como um todo é a invenção dos smartphones⁷. Os smartphones funcionam como computadores portáteis, possibilitando que as pessoas tenham acesso ao mundo digital não apenas em casa ou no trabalho, mas a partir de qualquer lugar em que haja acesso à *Internet*, que também se torna móvel (LINS, 2013, p. 14). Redes sociais, como o Instagram e o WhatsApp, foram desenvolvidas especificamente para o uso mobile e essa característica está intimamente ligada ao propósito de cada uma. No Instagram, por exemplo, o objetivo maior é o registro e compartilhamento de fotos e vídeos, onde a questão da mobilidade se faz essencial num cenário em que o usuário é incentivado a compartilhar de forma instantânea os momentos que vive, ultrapassando a capacidade do computador tradicional que possui sua mobilidade limitada (INSTAGRAM, 20--). Portanto, os smartphones tornam possível o acesso à rede e, conseqüentemente, o compartilhamento de informações no ciberespaço, algo praticável a partir de diversos lugares.

Nesse cenário em que se expande a transferência das relações sociais para a *Internet*, o compartilhamento digital se torna um imperativo. Tal comportamento é motivado pelo desejo do usuário de se tornar mais visível a partir da divulgação de conteúdos autorais (RODRÍGUEZ, 2018, p. 191), emissão de sua opinião sobre assuntos que lhe interessam e/ou tentativa de influenciar as pessoas que a ela estão conectadas. A exteriorização daquilo que constitui o indivíduo passa a habitar as redes, como diz Pablo Rodríguez (2018):

A exteriorização de tudo aquilo que constituía imaginariamente um interior íntimo, privado, através de um imperativo comunicacional no qual se encenam afetos que estão entre o individual e o coletivo – precisamente porque o que se compartilha não é algo individual, ou é individual só para ser compartilhado –, se realiza por meios digitais. (RODRÍGUEZ, 2018, p. 191).

Uma exposição voluntária, estimulada de forma contínua, vai criando um perfil que reflete no virtual o que existe no mundo físico. Em *Psicopolítica*, Byung-Chul Han (2018)

⁶ Em outubro de 2021, o número de usuários mensais ativos era de 2.74 bilhões.

⁷ O smartphone é um telefone móvel que acumula diversas funções, compactando as características de outros dispositivos como computador, máquina fotográfica, GPS, e outros em um único dispositivo. Se popularizou mundialmente no início da década de 2010.

argumenta que, por vezes, os hábitos digitais de exposição podem representar a essência do indivíduo de forma mais exata do que a imagem que ele tem de si mesmo. Já Lyon (2018) chama atenção para o fato de que as relações sociais, independentemente do meio onde se concretizam, são perpassadas por algum nível de encenação, significando que a autoexposição realizada no ciberespaço carrega em si algum nível de simulação, isso é, trata-se da exposição de uma vida parcialmente inventada. É importante notar, entretanto, que o desenvolvimento contínuo na forma com que o indivíduo experimenta a *Internet* impõe limites a essa encenação, principalmente a partir das *Web 3.0* e *4.0*, já que os dispositivos conectados à rede se multiplicam e passam a nos acompanhar por quase todo o tempo nas mais diversas atividades, o que dificultaria a manutenção efetiva das encenações mencionadas por Lyon (2018).

A exposição voluntária das pessoas no ciberespaço vem se consolidando desde a ascensão das primeiras redes sociais até atingir o caráter normativo que é possível perceber nos dias de hoje. Colocamos na rede todos os tipos de dados sem nos questionar sobre o que isso pode resultar (HAN, 2018, p. 19). Tudo o que fazemos na *Internet*, desde pesquisas sobre determinado assunto, visita a sites, publicações em redes sociais e fóruns, geram dados que podem ser manipulados das mais diversas formas, pelos mais diversos atores, sendo essa uma característica central da *Web 3.0*. A partir dos rastros da nossa navegação, a própria *Web* passa a nos apresentar conteúdos de acordo com preferências identificadas por dispositivos que processam o comportamento do indivíduo na *Internet* (ARIÑO, 2018, p. 5).

Em *Capitalismo de Plataformas*, Nick Srnicek (2018) nos ajuda a clarear os atores que estão por trás da manipulação em massa de dados e seus propósitos. O fenômeno do uso de dados foi iniciado por atores da iniciativa privada que buscaram através desse maior controle de mercado e lucro, sendo diversos os usos dos dados no sentido de alcançar esse objetivo final. Nos exemplos citados por Srnicek (2018), a Google e o Facebook fariam parte de um conjunto de empresas que usam os dados no sentido de atrair anunciantes, com publicações que conseguem atingir o público-alvo de forma mais assertiva, enquanto a Uber faz parte de outro grupo de empresas que utilizam os dados no sentido de otimizar os seus algoritmos, permitindo a prestação de um serviço cada vez mais satisfatório, além de ser também uma fonte de controle dos seus empregados. Esses são apenas alguns exemplos de um variado conjunto de atores privados que encontraram formas distintas na utilização de dados como uma ferramenta para alcançar o lucro (SRNICEK, 2008).

Não bastando todas as inovações anteriormente apresentadas, surge em 2016 a *Web 4.0*, também conhecida como '*Internet das coisas*' ou '*IoT*'⁸. A partir de técnicas advindas do *Machine Learning*⁹ e *Deep Learning*¹⁰, novos sistemas são desenvolvidos para processar a informação contida na *Internet* de forma similar a um cérebro humano. A *Web*, que antes oferecia informações, passa a oferecer soluções personalizadas a partir dos dados sobre os indivíduos que têm à sua disposição (ARIÑO, 2018, p. 6). Exemplo disso nos é dado por Roberto Ariño (2018), ao dizer que se uma pessoa utiliza um *smartwatch*¹¹ e esse dispositivo detecta um batimento cardíaco anormal, tendo também registros de que sofre de problemas cardíacos, o próprio dispositivo contatará os serviços de saúde para que a pessoa receba a assistência médica devida. Há também o avanço dos sistemas de voz, nos quais diversos dispositivos são equipados com tecnologias que reconhecem o que dizemos e estão sempre ouvindo, tornando possível a execução das mais diversas ações na *Internet* a partir de um simples comando de voz (ARIÑO, 2018, p. 6). A inteligência artificial que surge com a *Web 4.0* nos envolve de maneira profunda, perpassando nossa existência das mais diversas formas com a promessa de otimizar a maneira como vivemos.

É interessante notar como o desenvolvimento da *Web*, desde sua concepção inicial quando era caracterizada pela passividade e pouca interatividade, até o atual estado de imersão que esta consegue proporcionar aos seus usuários, expandem-se a ponto de tornar real a frase dita por Edward Snowden: “Eu vivo na *Internet*.” (SNOWDEN, 2015, n.p). A fronteira entre o mundo real e o mundo virtual torna-se cada vez mais opaca a partir do momento em que ações tomadas no âmbito virtual reverberam no mundo real e vice-versa (SANTOS; ROSA; FALEIROS, 2016).

O desenvolvimento da *Web* e da *Internet*, responsáveis por reformular em múltiplos aspectos a forma como vivemos, pode ser creditado nas transformações propiciadas pelo advento do que Milton Santos (2006) chamou de período técnico-científico-informacional. Uma das características desse período é a rapidez com que as tecnologias que o perpassam foram difundidas a nível global, sendo um exemplo disso a *Internet*, que teve seu uso comercial

⁸ '*Internet of Things*' ou '*Internet das Coisas*'.

⁹ O *Machine Learning* é um método de análise de dados que automatiza a construção de modelos analíticos. É um ramo da inteligência artificial baseado na ideia de que sistemas podem aprender com dados, identificar padrões e tomar decisões com o mínimo de intervenção humana.

¹⁰ *Deep learning* é um tipo de machine learning que treina computadores para realizar tarefas como seres humanos, o que inclui reconhecimento de fala, identificação de imagem e previsões.

¹¹ “Os *smartwatches* são relógios inteligentes que se conectam a outros aparelhos para ampliar funções de aplicativos, permitindo o controle avançado de ferramentas e aumentando as capacidades de conectividade.

liberado a cerca de 30 anos atrás e encontra-se em um estágio de permeabilidade tamanha que seria impossível pensar em um mundo globalizado sem a existência dessa tecnologia. Outra característica, que se relaciona com a anterior, é a produção em escala global para suprir uma demanda que passa a ser mundial, já que tais tecnologias não encontram barreiras territoriais, políticas, ou mesmo de recursos, o que Santos (2006) atribui ao fato delas estarem a serviço de uma busca desenfreada pelo lucro. E diversos são os objetos que estão a serviço desse novo período.

Smartphones, assistentes virtuais que, por comando de voz, conseguem desempenhar diversas funções, geladeiras inteligentes e uma gama variada de produtos que, a partir de sensores diversos, captam a forma como os indivíduos vivem e a modifica em nome da otimização. Sobre esses múltiplos objetos, pertencentes ao período técnico-científico-informacional, Milton Santos (2006) chama atenção para a caga informacional que carregam e produzem, já que são objetos movidos por informações ao passo em que também geram informações sobre seus usuários. Outra característica interessante desses objetos está na sua carga limitada de funções, sendo programados para tarefas cada vez mais específicas, o que justifica a necessidade de adquirirmos todos eles (SANTOS, 2006).

Do debate feito até o momento na tentativa de compreender como se deu o desenvolvimento das tecnologias que caracterizam a atualidade, a transformação na forma como lidamos com a informação pode ser considerada a questão central. Não à toa, tais tecnologias são apelidadas de tecnologias da informação. Entre as diversas consequências desse cenário está a redefinição da vigilância, algo que acompanhou as diversas sociedades ao longo do tempo, mas que se faz presente na atualidade de forma até então não registrada. A vigilância, outrora impositiva e indesejada, ganha contorno afável ao estar distribuída nos diversos dispositivos ou objetos que captam ações e hábitos do indivíduo que até então eram pouco conhecidos, já que anteriormente tais ações eram praticadas em meios livres de uma vigilância contínua e estável conforme observado atualmente. É possível acompanhar o dia a dia de funcionários, os hábitos de consumidores, a rotina de cidadãos, gerando possibilidades múltiplas para os que possuem controle sobre tecnologias com potencial vigilante.

NOVOS CONTORNOS DE UMA VIGILÂNCIA CADA VEZ MAIS DIGITAL

Todas as ações que ocorrem no meio digital deixam rastros (AVELINO, 2019, p. 4). Isso quer dizer que os sites acessados, as pesquisas realizadas, as publicações compartilhadas e outros frutos da navegação na *Web*, geram dados que refletem as ações individuais no ciberespaço. As implicações dessa produção constante de dados e consequente acúmulo destes são diversas, se intensificando à medida em que é contínua a migração dos mais diferentes aspectos da vida para o meio digital. Portanto, nesta seção, nos atentaremos às possibilidades de vigilância dentro desse cenário e seu reflexo na vida dos indivíduos conectados à *Internet*, consequências essas que ultrapassam o próprio meio digital.

Quando a *Web* não era um sinônimo de interatividade e a conexão contínua à *Internet* era tida como algo distante, poucos e irrelevantes eram os dados gerados sobre os seus usuários. A partir da *Web 2.0*, a geração de dados no meio digital passa por um boom, com os usuários passando a interagir entre si e com a *Web* das mais diversas maneiras, desde trocas que acontecem nas redes sociais até dispositivos conectados ao corpo que geram informações sobre este. Nota-se que o aumento na produção de dados se dá de forma qualitativa e quantitativa, tendo em vista que o número de pessoas conectadas à *Internet* é cada vez maior, tendo alcançado em julho de 2022 a casa dos 5 bilhões de usuários (KEMP, 2022). As possibilidades de vigilância desse contexto foram percebidas por autores como Gilles Deleuze (1990) em *Post-Scriptum sobre as Sociedades de Controle*, que defendeu a emergência de um novo tipo de sociedade em que a vigilância seria um fator central.

A palavra *vigilância* deriva do francês *surveiller* e significa vigiar, assistir, e é entendida, em termos gerais, como um fenômeno comum às diversas sociedades ao longo do espaço-tempo. Na teorização feita pela academia sobre esse fenômeno, tal pode ser entendido a partir de uma perspectiva neutra, compreendendo a vigilância como fundamental na organização da sociedade com aspectos positivos e maléficos, ou a partir de uma perspectiva negativa, em que a vigilância estaria eminentemente associada à dominação dos vigilantes sobre os vigiados (FUCHS, 2011, p. 126). Michel Foucault é um dos pensadores mais importantes a discutir sobre o fenômeno da vigilância, caracterizando e explicitando suas consequências.

Foucault compreende a vigilância a partir da perspectiva negativa por entendê-la como uma forma de poder disciplinar que contém fórmulas para a dominação. A partir da ideia do panóptico, uma estrutura que informa a arquitetura de diversos espaços físicos que compõem

as cidades modernas, Foucault (1999) argumenta que seria possível observar e compreender o comportamento dos indivíduos, classificando-os para hierarquizar, normatizar, punir ou intervir no comportamento desses da forma desejada pelo que observa:

A ideia do panóptico é uma ideia moderna num certo sentido, mas nós também podemos dizer que ela é totalmente arcaica já que o mecanismo do panóptico envolve basicamente colocar alguém no centro que será capaz de exercer sua função soberana sobre todos os indivíduos dentro dessa máquina de poder [...] nenhum dos meus sujeitos pode escapar e nenhuma de suas ações me é desconhecida. (FOUCAULT apud FUCHS, 2011, p. 117).

Entretanto, o modelo observado por este, em que a vigilância estava concentrada em determinados espaços físicos de sociedades intituladas *disciplinares*, como escolas, hospitais e penitenciárias, era um modelo de fim iminente e que seria superado pelas sociedades de controle, que funcionam a partir da liberdade do indivíduo e do monitoramento desta liberdade a partir de diversas máquinas, conforme fora observado por Deleuze (1990):

É fácil fazer corresponder a cada sociedade certos tipos de máquina, não porque as máquinas sejam determinantes, mas porque elas exprimem as formas sociais capazes de lhes darem nascimento e utilizá-las [...] as sociedades de controle operam por máquinas de uma terceira espécie, máquinas de informática e computadores, cujo perigo passivo é a interferência, e, o ativo, a pirataria e a introdução de vírus. Não é uma evolução tecnológica sem ser, mais profundamente, uma mutação do capitalismo. (DELEUZE, 1990, p. 2-3).

Portanto, antes mesmo da invenção da *Web* ou da popularização do acesso à *Internet*, Deleuze (1990) percebe a posição central de dispositivos que funcionariam, entre outras coisas, como uma coleira eletrônica ao serem capazes de dar a posição de determinado elemento em espaço aberto. Muito mais do que dispositivos capazes de localizar um indivíduo no espaço, com a multiplicidade de aparelhos e aplicações que hoje existem, é possível monitorar os mais diversos aspectos da vida de um indivíduo, perpassando a sua localização no espaço e no tempo, contemplando também indicadores de sua saúde, sua forma de pensar a partir de suas interações em redes sociais e mais.

Os atentados do 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos são tidos como um divisor de águas nas mais diversas esferas políticas e sociais, não sendo diferente nas questões da vigilância. A relação entre vigilância e segurança passaram por transformações que foram fomentadas também por uma retórica securitária intensa que se segue aos atentados, retórica esta que busca imbuir nas pessoas um sentimento de insegurança generalizada e legitimar condutas de vigilância que assegurariam a não ocorrência de um episódio similar no futuro

(BRUNO, 2013, p. 8). A vigilância, que outrora estava concentrada em lugares públicos, tem por objetivo tornar-se onipresente e onisciente. “O 11 de Setembro significou uma mudança radical nos sistemas globais de vigilância, pois reativou as tensões entre liberdade e segurança, a favor da última, quebrando muitas barreiras ligadas à proteção da privacidade e da intimidade.” (RODRÍGUEZ, 2018, p. 195).

Os traços da vigilância na contemporaneidade são diversos e se modificam à medida que o próprio aparato tecnológico de vigilância se desenvolve, mas é possível perceber aspectos fundamentais que constituem esse contexto. A transferência das relações sociais para o meio digital é o principal insumo para a concretização de uma vigilância que se torna cada vez mais digitalizada. Este insumo são os dados gerados a partir de tudo o que é feito na *Web* ou realizado a partir de dispositivos conectados à *Internet* e que cercam o dia a dia das pessoas. Entretanto, o armazenamento e manejo desses dados estão sob responsabilidade de empresas de tecnologia ou sob o controle de agências estatais, deslocando para a mão daqueles que possuem ferramentas tecnológicas capazes de armazenar dados e transformá-los em conhecimento o poder de vigiar e intervir nas ações de seus produtores (EVANGELISTA, 2018, n.p).

A transformação de dados em conhecimento é possibilitada pelo *Big data*, termo que não possui definição estrita, mas que é entendido por acadêmicos contemporâneos da vigilância como uma ferramenta que torna possível o prognóstico do comportamento humano. Isto é, a partir das nossas ações no meio digital e através dos dados que geramos ao nos conectarmos aos mais diversos dispositivos digitais, é possível traçar um perfil psicossocial do indivíduo ou capturar o *ethos* de grupos sociais (HAN, 2018, p. 85). Portanto, esta ferramenta torna possível o processamento de uma massa gigantesca de dados, extraindo conhecimentos diversos sobre as pessoas que geram essa mesma massa.

Em 2013, Edward Snowden abalou o mundo ao expor que a Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos (NSA) conduzia programas secretos de vigilância transnacional que tinham cidadãos, empresas e governos, inclusive os aliados aos Estados Unidos, como alvos. Os dados eram coletados de múltiplas formas, desde programas que interceptam cabos de fibra óptica que ligam diferentes centros de *Internet* até a aquisição de informações pessoais dos indivíduos a partir de pressão sobre as gigantes da tecnologia (*Google, Microsoft, Apple*) para que os dados por elas armazenados fossem repassados com regularidade para serviços de inteligência, como a NSA, mas não se limitando a esta agência. Uma terceira fonte de captação de dados se deu a partir de mensagens de texto, interações via *Skype* realizadas a partir de

computadores, *smartphones*, comunicações via satélite e até mesmo telefones fixos, demonstrando o tamanho da cobertura de captação existente (BAUMAN; BIGO; ESTEVES; GUILD; JABRI; LYON; WAKER, 2015).

As diversas práticas de interceptação de comunicação são complexas, interligadas e projetadas para processamento secreto de dados pessoais que consistem em conteúdo (gravações de chamadas telefônicas, mensagens de texto, imagens de *webcams*, teor das mensagens de *e-mail*, *logins* no Facebook, histórico de acesso a sites da *Web* do usuário e *metaconteúdo* (registro dos meios de criação dos dados transmitidos, a hora e a data de sua criação, seu criador e o local onde foi criado). Uma vez reunidos, os dados e os metadados são conservados durante um determinado período e, em seguida, organizados através de plataformas de integração para se tornarem inteligíveis por meio da visualização de redes, começando por pessoas ou endereços de *Internet* que já estão sob suspeita. (BAUMAN; BIGO; ESTEVES; GUILD; JABRI; LYON; WAKER, 2015, p.11).

As revelações feitas por Edward Snowden captam de forma precisa as práticas de vigilância possibilitadas pela transferência em massa das ações humanas e relações sociais para o meio digital. Entretanto, este caso está baseado principalmente nas ações de agências governamentais que conduzem ações vigilantes em larga escala para fins que podem ser diversos, mas não podemos deixar de considerar que esse comportamento também é colocado em prática por empresas transnacionais do ramo tecnológico, como Facebook, Google e outras gigantes da tecnologia que contam com uma grande base de usuários que geram dados ativamente. Outra ressalva a ser feita está na fonte dos dados que servem de substrato para a vigilância na atualidade, que passa a ter alto teor de informações advindas do meio digital, mas que conta também com dados advindos de outras fontes, como chamadas telefônicas e mensagens de texto.

O objetivo das empresas que atuam no mercado de dados é, principalmente, comercial. Em *Psicopolítica*, Byung-Chul Han (2018) usa a empresa norte-americana Acxiom como exemplo de uma organização que monetiza e comercializa dados a partir de análise do *Big data*, isso é, transforma dados em conhecimento sobre os quase 300 milhões de cidadãos norte-americanos que compõem o banco de dados da empresa, que seria mais robusto que o banco de dados do FBI¹². A partir do conhecimento gerado, as pessoas são classificadas e alocadas em grupos que refletem sua condição socioeconômica: pessoas com baixa inserção socioeconômica

¹² Federal Bureau of Investigation.

são classificadas como *waste*¹³ e as mais promissoras como *shooting star*¹⁴. Shoshana Zuboff (2018), professora emérita de Harvard e pesquisadora de longa data sobre a ascensão da *Internet* e consequente redefinição nas questões de vigilância social, propõe que toda a economia ao redor dos dados, que vem se desenvolvendo e intensificando nos últimos anos, seja entendida como um fenômeno estrutural e transacional possibilitado por uma nova fase do capitalismo.

Em seu livro, Zuboff (2018) explica que as gigantes da tecnologia perceberam o quão lucrativo seria vender prognósticos que informam o comportamento de seus usuários na *Web*, fenômeno intitulado por ela de *capitalismo de vigilância*. Os *ativos de vigilância*, forma como a autora se refere aos *insights* comercializados por tais empresas a outros atores, podem ser manejados das mais diversas maneiras, em que um exemplo seria táticas de *microtargeting*¹⁵ em contexto de campanhas políticas, como feito pela empresa Cambridge Analytica no contexto do *Brexit* (MORAES, PINTO, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas de vigilância passaram por uma transformação qualitativa e quantitativa com o desenvolvimento da *World Wide Web* e crescente interdependência humana em relação aos diversos dispositivos que nos conectam à *Internet*. Uma vigilância cada vez mais digital está em curso a medida que o universo virtual e o real se difundem, com perspectiva de aprofundamento deste cenário com o advento da tecnologia 5G, trazendo consigo o mesmo discurso de otimização e mais agilidade a forma como vivemos, mas que carrega também para uma carga que reforça a dependência tecnológica que indivíduos, sociedades, governos, países, empresas e diversos outros atores possuem, imbuída de malefícios como a questão da vigilância aqui debatida.

É fundamental salientar que nem todas as pessoas possuem consciência desse fenômeno e embora a questão da vigilância em si não seja uma novidade, ela ganha novos contornos e disfarces proporcionados pela evolução tecnológica observada. A vigilância, que outrora fora impositiva, agressiva, agora age através de dispositivos desejados e aplicações convidativas que prometem maximizar a forma como vivemos. Fernanda Bruno (2013) reforça essa leitura

¹³ “Lixo”, tradução nossa.

¹⁴ “Estrela cadente”, tradução nossa.

¹⁵ O *microtargeting* consiste em criar propagandas personalizadas para alvos específicos a partir das informações geradas pelo *Big data*, elevando a efetividade de campanhas publicitárias a um novo patamar.

dizendo que a vigilância contemporânea está presente também nos ‘circuitos de entretenimento e prazer’, e que sua inserção cotidiana em diversos contextos sociais a torna mais afável, distanciando-a do aspecto predominantemente negativo que a caracterizou no passado.

É possível perceber algumas movimentações de atores institucionais e grupos representantes da sociedade civil no sentido de criar processos que permitam clarear a forma como os dados gerados pelos usuários da *Internet* são utilizados por aqueles que os detêm. Leis que visam regularizar o uso de dados também estão sendo discutidas e implementadas, como a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD) no caso brasileiro, mas não podemos dizer que tal aparato jurídico será o suficiente para interromper o uso indiscriminado de dados por atores privados que buscam o lucro através da monetização de informações sobre seus usuários.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carlos Cândido de. Novas tecnologias e interatividade: além das interações mediadas. **DataGramaZero**, [S.l.], v. 4, n. 4, 2003.

ARIÑO, Marino Latorre. **Historia de las web, 1.0, 2.0, 3.0, 4.0**. [Santiago de Surco]: Universidad Marcelino Champagnat, 2018. Disponível em: https://umch.edu.pe/arch/hnomarino/74_Historia%20de%20la%20Web.pdf Acesso em: 22 abr. 2022.

AVELINO, Rodolfo da Silva. A evolução dos mecanismos de rastreamento e vigilância intrusivos em clientes web. **Assimetrias e (in)visibilidades: vigilância, gênero e raça**. [S.l.]. Trabalho apresentado no 6º Simpósio Internacional LAVITS, 2019, [Salvador, BA]. Disponível em: <https://lavits.org/wp-content/uploads/2019/12/SilvaAvelino-LAVITISS-2019.pdf> Acesso em: 05 dez. 2021.

BAUMAN, Z.; BIGO, D.; ESTEVES, P.; GUILD, E.; JABRI, V.; LYON, D.; WAKER, R. B. J. Após Snowden: Repensando o Impacto da Vigilância. **Revista ECO-Pós**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 8–35, 2015.

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

DELEUZE, Gilles. *Post-Scriptum* sobre as Sociedades de Controle. **L’Autre Journal**, Paris, n. 1, maio 1990. Disponível em: https://historiacultural.mpbnet.com.br/pos-modernismo/Post-Scriptum_sobre_as_Sociedades_de_Controle.pdf Acesso em: 16 abr. 2022.

EVANGELISTA, Rafael. **Para além das máquinas de adorável graça: cultura hacker, cibernética e democracia**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução Raquel Ramalhete. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FUCHS, Christian. Como podemos definir a vigilância? **Matrizes**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 109-136, jul./dez. 2011.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. [S.l.]: Âyiné, 2018.

INSTAGRAM. **About**. [S. l.], 20[--]. Instagram: about.

KEMP, Simon. **Digital 2022**: july global statshot report. [S.l.], 2022. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2022-july-global-statshot> Acesso em: 07 ago. 2022.

LINS, Bernardo Felipe Estellita. A evolução da Internet: uma perspectiva histórica. **Cadernos Aslegis**, Brasília, n. 48, p. 11-46, jan./abr. 2013

LYON, David. Cultura da vigilância: envolvimento, exposição e ética na modernidade digital. In: BRUNO, Fernanda; CARDOSO, Bruno; KANASHIRO, Marta; GUILHON, Luciana; MELGAÇO, Lucas (org). **Tecnopolíticas da vigilância**: perspectivas da margem. São Paulo: Boitempo, 2018.

MORAES, Isabela; PINTO, Danielle Jacon Ayres. As mídias digitais como ferramentas de manipulação de processos eleitorais democráticos: uma análise do caso Brexit. **Revista de Estudos Sociais**, [S.l.], n. 74, p. 71-82, 2020.

RODRÍGUEZ, Pablo Esteban. Espetáculo do dividual: tecnologias do eu e vigilância distribuída nas redes sociais. In: BRUNO, Fernanda; CARDOSO, Bruno; KANASHIRO, Marta; GUILHON, Luciana; MELGAÇO, Lucas (org). **Tecnopolíticas da vigilância**: perspectivas da margem. São Paulo: Boitempo, 2018.

ROSA, G. A. M. e; SANTOS, B. R. dos; FALEIROS, V. de P. Opacidade das fronteiras entre real e virtual na perspectiva dos usuários do Facebook. **Psicologia USP**, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 263-272, 2016.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SNOWDEN, Edward. Snowden visits campus via live feed: NSA whistleblower addresses a packed Grant Hall. **The Queen's Journal**, [S.l.], 13 nov. 2015.

SRNICEK, Nick. **Capitalismo de plataformas**. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Caja Negra Editora, 2018.

ZUBOFF, Shoshana. Big Other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização da informação. In: BRUNO, Fernanda; CARDOSO, Bruno; KANASHIRO, Marta; GUILHON, Luciana; MELGAÇO, Lucas (org). **Tecnopolíticas da vigilância**: perspectivas da margem. São Paulo: Boitempo, 2018.